

Varanda para a vida (Especial)

29 de Junho de 1999: Um dia histórico!

«Nunca me tinha sentido tão orgulhoso!»; «Passei duas horas todo arrepiado. Parecia o dia em que pedi namoro à minha mulher.»; «Nunca pensei,... ultrapassou tudo o que eu esperava!»; «Nunca pensei ser possível.». Eis algumas das frases que os sargentos indignados trocavam uns com os outros quando se cruzavam durante o "passeio" que levaram a cabo na jornada do dia 29 nas Baixas de 12 cidades de todo o País.

Na rua Augusta um pedinte cantava um fado triste.

«É um dia histórico!», afirmava um 2SAR quando compreendeu a sua profundidade, dimensão e significado. Um SAJ reformado, sobrevivente da Revolta dos Marinheiros e do Tarrafal, Comendador da Ordem da Liberdade, exclamava emocionado: «É um dia muito feliz para mim. Os militares continuam a defender a sua dignidade!».

Cerca das 18h00, começaram a subir a rua Augusta, vindos da Praça do Comércio, os sargentos da Marinha. A rua ficou com mais luz que irradiava das fardas. Os tons cinzentos e escuros perderam o significado perante o sorriso determinado dos rostos e o branco das fardas. Alguns perguntavam: «Então e os outros?», «Mas será que é só a malta da Marinha?». Um encolher de ombros respondeu-lhe. A determinação e a certeza da razão que lhes assistia faziam-nos prosseguir o passeio. «Venham os que vierem, a gente está cá!».

Aqui um olhar de espanto, ali uma boca:«Esquerda, ...'er!», por vezes mais ordinária: «Ainda querem ganhar mais, não fazem nada e querem», mas o olhar rígido e o silêncio do sargento a quem se dirigia fizeram-no estugar o passo e terminar a frase num lamurio sem convicção. Mas também um piropo de uma mulher de meia idade:«Que bonitos ficam fardados, queridos!», e ali a solidariedade: «Fazem vocês muito bem, lutem, lutem.»

Mas era como se ninguém dissesse nada. A malta prosseguia de cabeça erguida sem se deixar importunar.

Uma brasileira estava espantada: «Que maravilha caras, que maravilha!». Um casal de turistas pede a um sargento que os fotografe com um grupo de outros sargentos como fundo. Os pombos mal se afastavam dos pés impecavelmente engraxados e polidos.

Três anos de gente, a correr atrás de um bando de pombos, para apanhar um, tropeça e quando vai para cair um braço fardado ampara-o com carinho e firmeza - a criança quase nem dá pelo que lhe aconteceu, pois logo que se apanha solto prossegue a correria a alvoroçar as aves.

A guitarra do pedinte lamuría em contra-canto com o fado.

De repente, do lado dos Restauradores, começaram a chegar as fardas azuis. E um pouco de todas as saídas de Metro surgem as fardas verdes e cinzentas, uns de farda de saída aligeirada, em mangas de camisa, outros com garbo na farda número um.

E pela primeira vez na história das Forças Armadas: saias. As mulheres militares, ou militares do sexo feminino, como quiserem, não deixaram os seus créditos por mãos alheias. Poucas é certo, mas também o são ainda nesta difícil profissão. Vêm em grupos de três ou quatro, como se mandou naquele dia, ou acompanhadas por camaradas da unidade.

«Há quanto tempo,... », «P'raí desde do 31 de Janeiro, não?»; «Devíamos organizar uma coisa destas todos os anos para nos encontrarmos mais vezes.», «Pois era!», «Venha de lá esse abraço.»

A um jornalista mais insistente um sargento responde olhando para o ar: «Está um belo dia para passear,... não está?». O jornalista não gosta. Queria algo bombástico, que vendesse papel. Faz um gesto de desagrado e de má educação que o sargento ignora prosseguindo o seu "passeio".

«Mas tu não estás já na reserva?», «'Tou mas não resisti. Estou muito feliz,... desde 68 que eu esperava por uma coisa destas!». Na cara o sorriso mais feliz do mundo. Os olhos arregalados como que a quererem gravar tudo sem perder pitada.

Outros camaradas já na reserva e na reforma, quiseram manifestar a sua solidariedade, comparecendo quase todos à civil. O director do nosso jornal, já na reforma, investido nas funções de fotógrafo - se as fotografias deste jornal não estiverem muito boas perdoem-lhe, fez o melhor que soube -, anda de lado para lado, a abraçar e a fotografar.

Passa um oficial superior do Exército com um sorriso de orelha a orelha e não hesita: «Estão muito bem camaradas! Nós hoje também achámos bom o dia para irmos almoçar fora.» E segue com um sorriso cúmplice.

Um cabo da Marinha, já com 23 anos de tempo de serviço, dirigiu-se a um sargento seu conhecido: «Parabéns! Vocês têm aqui um "passeio" muito bom. A gente hoje na unidade, ninguém comeu. Até os grumetes que não tinham dinheiro para ir almoçar fora, alinharam. Lá lhes arranjámos umas sandes.» E prossegue satisfeito com o filho pela mão.

Um sargento da Marinha, com a filha às cavalitas, cumprimenta um seu camarada da Força Aérea que também tinha ido buscar a filha ao infantário. As miúdas estão todas vaidosas dos seus pais, e contentes pelo passeio inesperado.

Fotógrafos e câmaras de filmar captam imagens de um primeiro andar. Ao lado jornalistas de bloco de notas em punho, anotam com frenesim. Talvez os mesmos que só viram dezenas de sargentos; alguns condescenderam até às centenas. Compreende-se: só têm dez dedos nas mãos. Das imagens do primeiro andar nem uma foi publicada ou emitida. E fizemos nós o 25 de Abril, também, para acabar com a censura... .

«Ah filhos, fazem vocês muito bem, os do governo só lá estão para se governarem.» diz uma vendedora de flores.

«Entregaram as colónias aos pretos e agora ainda querem mais dinheiro,...», diz o dono de uma tabacaria que ainda não compreendeu o que lhe aconteceu. Mas os sargentos não ligam. Sorriem para os que mostram simpatia, muitos, e ignoram os restantes, poucos, muito poucos.

Vão trocando abraços e conversas à medida que se cruzam. Os que não se conhecem cumprimentam-se militarmente, no que, por vezes, eram imitados por miúdos encantados com a situação.

«Nunca a Baixa teve tanta segurança como hoje, venham mais vezes.» diz uma rapariga.

O trânsito intenso àquela hora fluía como se não "passeassem" na Baixa mais uns milhares de cidadãos em uniforme. Os transeuntes prosseguiam vendo o caminho facilitado pelos cidadãos fardados. «Cuidado camarada, é preciso que toda a gente circule sem incómodos.» A compostura e a conduta são exemplares.

«Vai uma ginja?», «Claro! Senão era como ir a Roma e não ver o Papa.» «Vá lá então, mas só uma!»

Já perto das 20h00 os passeios da rua Augusta e do Rossio até aos Restauradores estavam cheios de sargentos fardados. Talvez para ajudar os jornalistas a contarem, como que guiados por um impulso, a mole de sargentos começou a deslocar-se para a Praça do Comércio. Os jornalistas corriam e estimulavam os repórteres de fotografia e de câmara a seguirem-nos. Supunham que finalmente ia acontecer. Não se sabia o quê, mas algo lhes dizia que o "*homem ia morder o cão*".

A meio da rua Augusta uma rapariga tocava tambores e outra dançava e esmolava. Quase em frente o pedinte continuava com o fado lamuriento. Os operários que antes davam ordens militares agora pararam por momentos a ver o que se passava, porque é que todos "passeavam" para o mesmo lado?

A Praça começou a comprimir-se na mesma medida em que o número de sargentos aumentava. O trânsito entre a rua e a praça prosseguia, embora mais lentamente porque com tanta gente era impossível.

Um operador de câmara olhava em volta a descortinar um ponto melhor para fixar a objectiva. Ainda hesitou, mas correu para a estátua e iniciou a escalada: dele e dos apertechos do ofício.

A rua despejava-se para a praça. O operador de câmara ia a meio da escalada. Chegam à praça os dirigentes da ANS, também fardados consoante os ramos.

De repente, e ainda com a rua Augusta a despejar para a praça e o operador quase a terminar a escalada, os sargentos começaram a destroçar, comandados por uma ordem invisível e numa ordem exemplar. Quando o operador chegou ao local escolhido ainda conseguiu filmar as tais dezenas que se afastavam, mas a praça já estava vazia. Aproveitou o esforço e filmou um palhaço esverdeado que apanhava o eléctrico acompanhado por uma mulher e uma criança.

Uma jornalista conhecida, sem insistir nas perguntas, comenta mais tarde ao telefone: «Ó senhor sargento, estou tão orgulhosa de vos ver fardados, tenho andado tão emocionada que até ando arrepiada! Foi tudo tão bonito,...e sem armas, tudo tão calmo e sem medos. Só em Portugal! E as saias, isso é histórico, não é?» - produziu o artigo mais bonito que li.

Já no Metro, com os bonés debaixo do braço, cabelo grisalho ou mesmo branco, iam uns dez sargentos da Marinha: «Achas que o governo agora vai resolver isto?», «Depois deste dia nada mais pode ficar na mesma. Eles vão ter de resolver.» «E se não resolverem?...»